

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS**  
para Professora Titular da Carreira do Magistério Superior

**ELIZABETH FARIAS DA SILVA**  
Departamento de Sociologia e Ciência Política



2018.1



*Para alunas e alunos que me acompanharam nesta trajetória acadêmica como professora/pesquisadora, em especial, orientandos e orientandas, pois pressentiram com mais intensidade as oscilações da relação pedagógica.*

*Para Daniel José da Silva, companheiro de trajetória intelectual, e às três dádivas que recebemos: Davi, Sara e Lara.*

*E, para Anita Ferreira Farias... uma mãe à moda antiga.*

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>DA APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2.</b>	<b>DA GRADUAÇÃO E RITUAL DE PASSAGEM (1972-1975) .....</b>	<b>4</b>
<b>3.</b>	<b>DA PROFISSIONALIZAÇÃO E SATURAÇÃO (1975-1980).....</b>	<b>7</b>
<b>4.</b>	<b>DA DOCÊNCIA E FORMAÇÃO NO MESTRADO (1980-1990) .....</b>	<b>9</b>
<b>5.</b>	<b>DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E FORMAÇÃO NO DOUTORADO (1991-2000) .....</b>	<b>11</b>
<b>6.</b>	<b>DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA (2001 A 2018.1).....</b>	<b>13</b>
<b>7.</b>	<b>DOS NÚMEROS: “SEM IRA E SEM PAIXÃO” .....</b>	<b>14</b>
7.1	DOCÊNCIA NA GRADUAÇÃO.....	14
7.2	DOCÊNCIA NA PÓS-GRADUAÇÃO .....	15
7.3	FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS.....	15
7.4	FORMAÇÕES <i>STRICTO SENSU</i> E ESTÁGIO PÓS-DOUTORAL .....	16
7.5	AÇÕES DE EXTENSÃO .....	18
<b>8.</b>	<b>DAS BANCAS .....</b>	<b>19</b>
8.1	GRADUAÇÃO .....	19
8.2	MESTRADO.....	19
8.3	DOUTORADO .....	19
8.4	OUTRAS BANCAS .....	20
<b>9.</b>	<b>DE EVENTOS E PALESTRAS.....</b>	<b>20</b>
<b>10.</b>	<b>PRESTAÇÃO DE SERVIÇO .....</b>	<b>21</b>
<b>11.</b>	<b>DAS PUBLICAÇÕES.....</b>	<b>21</b>
11.1	LIVROS .....	21
11.2	CAPÍTULOS DE LIVRO .....	22
11.3	TEXTOS INTEGRAIS EM ANAIS DE CONGRESSO.....	23
11.4	RESUMO DE ANAIS DE CONGRESSO .....	24
11.5	ARTIGO EM PERIÓDICO INDEXADO .....	25
11.6	NOTA BREVE EM PERIÓDICO NÃO INDEXADO .....	26
11.7	RELATÓRIOS DE PESQUISA CONCLUÍDOS.....	27
<b>12.</b>	<b>ORIENTAÇÕES .....</b>	<b>27</b>
<b>13.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O MEMORIAL DE TRAJETÓRIA ACADÊMICA .....</b>	<b>28</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>30</b>

## 1. DA APRESENTAÇÃO

O Memorial de Atividades Acadêmicas (MAA) segue a Resolução Normativa nº 114/2017/CUN, de 14 de novembro de 2017, e a Portaria nº 982, de 3 de outubro de 2013, do Ministério da Educação em seu Artigo 5º.

O MAA tem como objetivo o acesso à classe E, com “denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior”.

Conforme a narrativa da trajetória acadêmica aqui descrita, os comprovantes das atividades estarão dispostos nos anexos.

Nos itens posteriores a memorialista assumirá suas ações sociais consolidadas em atividades exigidas e denominadas pelo racional-legal.

## 2. DA GRADUAÇÃO E RITUAL DE PASSAGEM (1972-1975)

Ingressei como estudante de graduação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1972, uma década após a implantação da Lei nº 3.849, de 18 de dezembro de 1960, assinada pelo presidente da República Brasileira, Juscelino Kubitschek de Oliveira, e no terceiro ano de vestibular unificado, efetivado após a Reforma Universitária implantada pelo governo militar. A Reforma Universitária atendia aos Decretos-Lei de nº 53, de 18 de novembro de 1966, de nº 252, de 28 de fevereiro de 1967, e à Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968.

O número de matrícula, o meu foi 7210366, indicava o ano de entrada, o semestre, a área de conhecimento e os dois últimos dígitos a classificação na área de Ciências Humanas.

Considerada uma estudante medíocre no então denominado ensino médio, obtive uma classificação muito boa na área de Ciências Humanas. Provavelmente, devido à leitura de suplementos culturais de sábado que acompanhavam os jornais que meu pai assinava regularmente – e sua preciosa biblioteca (da casa familiar) onde contistas abundavam. Cresci com literatura na veia: Clarice Lispector e Dalton Trevisan, por exemplo, eram familiares nos meus 15 anos de idade. Interditado somente Henry Miller, com seus *Sexus*, *Plexus*, *Nexus*. Miller ficava trancafiado em um cofre.

Fiz o vestibular em janeiro, com 17 anos. Passei pelo ritual do “trote” no dia dos resultados do vestibular. Em março iniciei meus estudos universitários, ainda com 17 anos,

no Centro de Estudos Básicos na Cidade Universitária da Trindade. Na terceira fase, isto é, no terceiro semestre, de acordo com a média conceitual obtida nas disciplinas se escolhia o curso profissionalizante. Com minha média poderia ter escolhido Direito, o mais concorrido. Sem hesitação nenhuma fiz matrícula em Ciências Sociais, curso recém-criado pelo Departamento, então, de Sociologia.

Em 11 de setembro de 1973, quando estava na primeira fase do curso profissionalizante obtive meu ritual de passagem para as coisas do mundo que me cercavam. Saliento: tive Filosofia no Centro de Estudos Básicos. O professor era existencialista. Em tempos de Médici, “o inferno era os outros”, simplesmente assim! É a vida, como diria Lara, minha filha caçula, anos mais tarde, já em tempos de democracia representativa.

No dia 11 de setembro de 1973, o véu caiu, como indicou o outro. E, anos mais tarde, usaria e uso o autor para trabalhar determinados temas da contemporaneidade.

A turma de Ciências Sociais era pequena, mas fiz amizades enraizadas. Ademir Rosa, excepcional ator de teatro. No Centro Integrado de Cultura o Professor Henrique da Silva Fontes tem em uma das salas o seu nome imortalizado. Ensaiei muitas páginas de peças teatrais com ele. Escolástica Líria Soares, hoje Grangeiro (e vizinha!), foi editora dos jornais *Boi de Mamão*, *Cultura* e *O Catarina*. Fez trilhas... Raul Sartori, companheiro de turma, também, fez carreira no jornalismo local. Fui professora de um filho dele, no curso de Direito. Maria de Lourdes Braga Coêlho, futura colega no Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Surpresa! No último ano de curso a turma recebeu o aviso: no diploma estaria escrito “Licenciado em Estudos Sociais”, em voga na época de autoritarismo quando História e Sociologia eram coisas de “comunista”. Mormente critiquei o evolucionismo social. Hoje, parece-me, que no Brasil se tende para um círculo vicioso ao ler comentários quando acesso determinadas páginas.

Retornando, a turma coesa demandou e, ufa! Vencemos! O diploma foi desenhado, lindamente com “Licenciado em Ciências Sociais”. Sim, meus diplomas todos estão no masculino!

Na graduação participei do Diretório Acadêmico do Centro de Estudos Básicos (DACEB), ingênua ainda, fui secretária de Assistência Estudantil, distribuía passes para almoço de discentes no Restaurante Universitário. Enquanto participava da organização da chapa de oposição – e que sairia vencedora nas eleições (para desespero da reitoria) – conheci meu companheiro de trajetória intelectual e afetiva. Com ele aprendi e conheci mais sobre as

coisas do mundo. Deslumbrado pelo planeta, o engenheiro me levou e me leva para conhecer rios, serras, montanhas e eu o convidava, e ainda convidado, para mirar a Goya, Camille Claudel, Rodin. As livrarias foram e são, de comum acordo, “naturalizadas” às visitas de docentes universitários.

Na graduação tive excelente formação em Antropologia e experiência com cursos e conferências extracurriculares. Nos dois últimos anos do curso fui monitora das disciplinas de Sociologia e Estudos de Problemas Catarinenses e fiz trabalhos de campo tanto em Antropologia (na Ilha de Santa Catarina) como pesquisa quantitativa em Sociologia Rural. Belo aprendizado! Grata à Zuleika Mussi Lenzi (pela experiência no interior de Santa Catarina) e Annamaria Beek (por conhecer melhor o lugar/espço de minha família insulana).

No segundo semestre letivo de 1975, tendo concluído todos os créditos exigidos para formatura, matriculei-me em disciplinas optativas para acompanhar a turma na colação de grau, no final do ano. Nesse ano, exatamente, o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) planejou inaugurar, em Florianópolis, o Centro de Reabilitação Profissional (CRP), visando atender as vítimas de acidente de trabalho e reinseri-los no mercado de trabalho e, para tal, abriu concurso para sociólogo entre outros profissionais

Em 17 de janeiro de 1975, efetuou-se a prova para o cargo de sociólogo do Centro de Reabilitação Profissional do INPS. Classifiquei-me em primeiro lugar e a colega de turma, Maria de Lourdes Braga Coêlho, também se classificou.

A chamada para ocupar as vagas ocorreu no mês de setembro e, para tanto, trancamos nossas matrículas e entramos com o pedido de formatura. Formei-me na sala do diretor de Centro de Educação da UFSC, no dia 29 de setembro de 1975. Eu e Maria de Lourdes Braga Coêlho enunciamos o juramento do “licenciado”. No momento, para o contexto em que vivíamos, as palavras contidas no juramento pareciam “balbucios”, em um dos sentidos que os gregos, do período clássico, davam aos que assim emitiam sons.

No dia 30 de setembro de 1975 assinei o contrato de trabalho com o Instituto Nacional de Previdência Social. Tinha 21 anos, completos.

O objetivo do CRP era implementar uma equipe de caráter multidisciplinar para elaborar diagnósticos e prognósticos para as pessoas acidentadas no trabalho, e que se encontravam em recuperação. Obtinha-se pluralidade de vozes profissionais em torno de estudos de casos. As perspectivas profissionais diversas – psicológica, médica, fisioterapêutica, pedagógica, de assistência social – constituíram uma aprendizagem de



prática profissional de interfaces que muitas vezes facilitou minhas orientações na trajetória acadêmica.

### **3. DA PROFISSIONALIZAÇÃO E SATURAÇÃO (1975-1980)**

Trabalhei no INPS fazendo pesquisa de mercado de trabalho em alguns municípios-chave do estado de Santa Catarina, normalmente com estadias de até duas semanas. No período compreendido entre 30 de setembro de 1975 e 31 de agosto 1977 fiz pesquisa no sul do estado, no Vale do Itajaí e na Serra Catarinense. Uma aprendizagem memorável para quem ministraria em seus primeiros anos de docência universitária a disciplina de “Estudo de Problemas Catarinenses”. Assisti, no período, cursos sobre pesquisa social, destacando o curso ministrado por Miriam Limoeiro. O maior conhecimento em pesquisa social e a prática da pesquisa, mesmo em sua especificidade em meu período de profissional socióloga no INPS, me favoreceu quando da realização de meu mestrado e nas posteriores supervisões/orientações proporcionadas na graduação do curso de Ciências Sociais, no mestrado e no doutorado em Sociologia Política.

Os cursos extracurriculares da década de 1970, com determinados expoentes do país e do exterior, me forneceram bagagens e referências para a carreira de professora universitária. Cito como exemplo o curso com Luiz de Castro Faria, Nereu do Vale Pereira e Otávio O. Velho.

No período em que trabalhei no INPS me casei. No dia 10 de julho de 1976, no mesmo dia da formatura do cônjuge. Como a família do noivo era gaúcha, uma festa, dois acontecimentos.

Em 1977, em curso de especialização, ambos – marido e mulher – estavam empregados. O engenheiro viajava construindo pontes e estradas e a socióloga viajava entrevistando empresários e gerentes de empresa.

Governo Geisel: “Operação Barriga Verde” em Florianópolis, ano de 1975, mesmo ano do “suicídio” de Vladimir Herzog. Indicativos de tensão entre a cúpula dos militares nos aparelhos de Estado. O “pacote de abril”, de 13 de abril 1977, assim denominado pela imprensa (com censura na época), engendrado pelo General Ernesto Geisel, então incrustado na presidência da República Brasileira, com o “fechamento” do Congresso Nacional, a Implementação dos candidatos chamados “senadores biônicos”, foi a gota d’água. O ar estava fétido demais.

As opções: África e as ex-colônias portuguesas ou Europa. Uma bolsa recebida pelo cônjuge para fazer especialização na Espanha suprimiu as alternativas.

Devo observar que, enquanto trabalhava, como socióloga, frequentava regularmente o curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSC, interrompido pela viagem à Espanha e reiniciado após o retorno ao Brasil.

Espanha era a oportunidade de um mestrado ou diretamente um doutorado. A matrícula foi efetivada na Universidade Complutense de Madrid. Ressalva: sujeita à aprovação, pois a Espanha não tinha convênio com o Brasil, naquele momento.

Assisti seminários em duas disciplinas, embora tenha feito matrícula em três. Um dos professores, militante socialista, conheci somente no primeiro seminário. As outras duas disciplinas assisti com interesse até que soube da rejeição, por parte da Universidade, de meu pedido de matrícula na pós-graduação. Até o momento da negação de minha matrícula em uma das disciplinas, os seminários versaram sobre o conceito de classes sociais em Nicos Poulantzas. Uma tarde inteira foi dedicada ao seguinte tema: o trabalhador, motorista de uma indústria, representaria a concretização de extrações de mais-valia direta ou indireta?

A outra disciplina era ministrada pelo grande José Antônio Maravall. Em sua primeira aula pediu uma foto de cada discente. Estremeci. Acostumada com a repressão no Brasil, somente depois percebi que era para fins de controle de participação nos seminários. Para além de professor, a sala dele – onde ministrava suas conferências – me deixara fascinada: havia armários maravilhosos cheios de livros. O espírito crítico, porém, não se ausentou: criei em meu imaginário que as madeiras que ostentavam aquele brilho e cheiro maravilhosos de livros eram provenientes das Américas.

Interrompidos os estudos, fiquei alerta. Consegui, então, minha primeira bolsa de estudos, da UNESCO. Fiz um curso intensivo, em maio de 1978, no Centro Internacional de Formación en Ciencias Ambientales para Países de Habla Hispana (CIFCA).

Como balanço do período em que permaneci no decorrer de um ano letivo europeu na Espanha (1977-1978), listo: em primeiro lugar, uma paixão por Francisco de Goya insuperável até hoje; conhecimento sobre anarquismo espanhol (orientei um aluno de graduação sobre uma variação deste tema); jamais indiquei um texto de Poulantzas em meus programas de ensino; conhecer o jornal *El país* em um de seus melhores momentos; viver em um país onde se estruturava a redemocratização pós-franquismo e assistir na Gran-Via de Madri, no segundo primeiro de maio pós-morte de Franco, uma passeata com cerca de um



milhão de pessoas, na qual as pessoas com bandeiras, principalmente do Partido Socialista Obrero Español (PSOE), gritavam: “*no se ve, no se ve, la bandera de UCD*”. A UCD era a sigla para a Unión de Centro Democrático. Ah, os eufemismos! Adquiri, também, sensibilidade para a questão ambiental, algo substancial, posteriormente, para algumas disciplinas cursadas no mestrado em Ciências Sociais da UFSC.

Após o término do período letivo na Espanha, o casal ainda habitou três meses em Paris, na Rue de la Collégiale em pleno Quartier Latin. Ah, maio de 1968!

Em Paris frequentei a Aliança Francesa. Preparando o futuro sem querer, ou sem saber. No momento foi por amor à língua francesa. Posteriormente seria a língua estrangeira de opção para o mestrado na UFSC, o doutorado na Faculdade de Educação na Universidade de São Paulo (USP) e o pós-doutorado em Sociologia no Quebec.

Retornando ao Brasil reiniciei o curso de especialização no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na época coordenado pelo grande e expressivo antropólogo professor Silvio Coelho dos Santos.

Em 29 de janeiro de 1979, fiz o concurso para professora de Metodologia Científica (disciplina oferecida para todos os cursos da Universidade Federal de Santa Catarina pelo Departamento de Filosofia). Fui aprovada, mas, não fui chamada.

Observo que, antes de embarcar para a Espanha em setembro de 1977, fiz concurso para o Departamento de Sociologia, no dia 12 de agosto de 1977. Fui classificada em primeiro lugar, mas não assumi.

O retorno para o Brasil foi decidido na agência da Varig, em Madri, com a leitura de jornais brasileiros, onde a promessa de revogação do AI-5 estava estampada. Assim foi, no dia 30 de dezembro de 1978, quando completava 10 anos e alguns dias (pode parecer fútil, mas para os momentos de então, os dias, as horas eram cruciais). Como escrevi em minha tese de doutorado, o 13 de dezembro de 1968, para o Brasil, não é uma mera formalidade de data de calendário.

#### **4. DA DOCÊNCIA E FORMAÇÃO NO MESTRADO (1980-1990)**

Matriculada na especialização oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, prestei concurso para professora colaboradora; concurso este oferecido pelo, agora, Departamento de Ciências Sociais. O concurso era para a disciplina Teoria

Sociológica e foi realizado no dia 6 de agosto de 1980. Fui contratada como Professora Colaboradora AII pela UFSC no dia 12 de agosto de 1980.

Quando assinei o contrato de trabalho com a UFSC, era para o cumprimento de 20 horas semanais. Assim, ministrava classes com programas indicados em cursos selecionados pelo Departamento. O Departamento não tem comprovantes diretos de minha participação no ensino entre 1980 e 1989. No entanto, lecionei nesse período Teoria Sociológica, Sociologia Geral e Estudos de Problemas Catarinenses (CSO1217), para diversos cursos da UFSC. Óbvio, explícito, estava estabelecido: disciplinas optativas para o curso de Ciências Sociais nem pensar ou desejar... como Professora Colaboradora.

Em 1981, após realizar uma prova, adentrei no mestrado. Naquele momento já tinha filiação na Associação dos Professores da UFSC (APUFSC). Em 1980, a APUFSC já contava com uma presidência (Professor Oswaldo de Oliveira Maciel) e equipe com ações e relações sociais que se bifurcavam com as da administração da reitoria. A chapa “Luta e Independência” encabeçada pelo professor Oswaldo de Oliveira Maciel e tendo como vice-presidente o professor Jorge Lorenzetti conseguiu aglutinar forças locais e de âmbito nacional. O professor Maciel foi o primeiro presidente da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES). Foi bonita a festa, em 19 de fevereiro de 1981!

No dia 12 de agosto de 1981 requisitei alteração de regime de trabalho. O colegiado do Departamento aprovou e passei então para regime de dedicação exclusiva.

Entre 1981 e 1985 – naqueles idos eram quatro anos de matrícula – conquistei meu título de mestrado. Não só! Tive dois partos: Davi, o bem-vindo, após sete anos de casamento e, logo depois, Sara, princesa até hoje. Em 1986, chegou a nossa “pituchinha”, Lara, mais linda que o “Tema”. Graças à concepção de inconsciente de Freud, e à minha crença neste, dar-me-ia (assumo, adoro mesóclise), caso contrário, o epíteto de Maria Madalena, a sofredora. Aulas, disciplinas na pós-graduação, leituras para a dissertação, trabalho de campo com placenta descolada... como exclamou uma colega, quase nas mesmas condições: “só quem passou é que sabe!”

A dissertação foi intitulada como “O MDB/PMDB em Lages. Análise de um partido de oposição no governo (1972-1982)”. Da dissertação, um livro: “O fracasso da oposição no poder”. Um resultado: segurança em determinados momentos de orientação na disciplina “Seminários de Pesquisa” no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Uma lembrança: retornando para o hotel, após entrevistas no município de Lages com participantes

do então Movimento Democrático Brasileiro (MDB) no governo local, no período da “Força do Povo”, tropecei em frente à porta do hotel. Visivelmente grávida, Teixerinha segurou-me com muita presteza, mas, com delicadeza. Nunca mais critiquei suas músicas!

Naquela década ainda não havia a exigência de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o bacharelado em Ciências Sociais, portanto, minha atuação nesse período ocorreu em orientações para monitoria.

As seleções para professores e professoras, naquele momento professores eventuais, eram determinadas pelo Departamento: destaque duas participações. E a seleção para monitoria também era indicação do Departamento via uma comissão: comprovo uma participação.

## **5. DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E FORMAÇÃO NO DOUTORADO (1991-2000)**

A década foi profícua. A determinação de TCCs para a graduação exigiu uma reforma curricular. Participei.

Constato: orientação em Trabalhos de Conclusão de Curso.

No início da década de 1990 fui coordenadora do Curso de Ciências Sociais (Portaria nº 181/PREG/89), assim como fui subchefe do Departamento de Ciências Sociais.

Uma pesquisa abrangendo os municípios de Santa Catarina, financiada pelo então denominado Ministério da Educação, teve minha participação. O trabalho envolveu duas universidades: a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Foi uma experiência e tanto! A primeira com caráter multidisciplinar em pesquisa e a primeira vez que uma máquina computou dados de questionários para eu avaliar – antes eu computava os dados de questionários, com perguntas fechadas, resposta por resposta, em folha de papel quadriculado.

A prática de pesquisa ao concretizar esse projeto foi contundente nos termos de aprendizagem: na seleção e no treino dos bolsistas para aplicação de questionários em municípios selecionados – amostragem dirigida – e para os demais municípios os questionários foram enviados via correio; na participação dos diálogos em equipe e na escrita do relatório. O nome da pesquisa recebeu o título de “Mapeamento da cultura popular em Santa Catarina”.

Fui convidada para participar dessa pesquisa quando o projeto já estava aprovado. Outra aprendizagem para ações e relações sociais posteriores de orientação: objetivos de pesquisa devem ser muito bem elaborados.

Um texto decorrente da pesquisa em pauta escrito em parceria com colegas da equipe de pesquisa com o título “Saber/Sabor: Hábitos alimentares tradicionais no Estado de Santa Catarina” tornou-se leitura contumaz em cursos de Nutrição da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Fiquei feliz. Simplesmente isto: feliz.

No ano de 2000 concluí meu doutorado. A orientação do trabalho foi do doutor Moacir Gadotti. A experiência como discente na Universidade de São Paulo, especificamente na Faculdade de Educação, revelou outra perspectiva na relação docente e discente. Essa relação poderia tender mais para Eros do que para Tanatos.

Minha tese, com o título “Ontogenia de uma Universidade. A Universidade Federal de Santa Catarina (1962-1980)”, sintetizou minha trajetória de conhecimentos e pesquisas sobre a ilha e o estado de Santa Catarina e implementou reflexão e objetividade sobre minha participação no movimento estudantil e no movimento de professores. Meu trabalho sobre a emergência e a consolidação da Universidade de Santa Catarina – atual Universidade Federal de Santa Catarina (Lei nº 4.759, de 20 de agosto de 1965) – continua referência.

Na consecução de meu doutorado adquiri uma personalidade acadêmica estreitada com a História da Educação e no decorrer do doutoramento conquistei e fui conquistada por uma relação intelectual e de “afinidade eletiva” com a pesquisadora doutora Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro e seus pensamentos nos termos de operacionalização.

A maioria das pesquisas concretizadas na minha vida acadêmica após o término do século XX ocorreram em parceria com essa professora, atualmente vinculada à Universidade Federal de Uberlândia.

Nessa década, até o término de minha tese, a prática de pesquisa era uma aventura, (sublinhando: fiz pesquisa de campo na década de 1970, no interior de Santa Catarina, em pleno inverno, onde se fazia uma entrevista e se esperava, sozinha, na estrada de terra batida e deserta, a Kombi que iria me recolher horas depois), era curiosidade intelectual. Para a tese de doutorado pesquisei 20 anos de jornal diário, passei um ano (exceto sábados e domingos), todas as manhãs – das 8h10 até às 11h50 – lendo e anotando (doei os cadernos com as anotações para um dos laboratórios de História da UFSC). Adorava vasculhar. Adorava perscrutar. As entrevistas gravadas eram um pouco penosas, sentia-me como roubando a

intimidade das pessoas, mas fazia parte de meu trabalho, de meu *métier*, minha “vocaçãõ”, como diria uma outra paixão: eu tinha frêmitos, vibrava quando conseguia um documento, uma “fala” para efetivar correlações. Passou.

Com o “produtivismo” imperando, os prazos expirando, prazer e ansiedade se mesclam. O jogo da escrita ficou sem tempo para ser burilado – o melhor elogio, segundo meus critérios, recebido na defesa de minha tese: que eu escrevia muito bem. Parodiando: “*Times is... pontuaçãõ*”.

Puro prazer nesses últimos 10 anos: salas de aula, em determinadas sessões, e orientações quando do equacionar projetos. Momentos em que a excitaçãõ intelectual retorna. Para o devolver da sensibilidade, perdida na rotinizaçãõ do cotidiano acadêmico: a literatura. Agora os *haikus*... de amor. Provavelmente, também, o “divã” frequentado (e seminários de psicanálise assistidos no final da década de 1990) tenham amenizado a tensãõ do profissional após o doutoramento.

## **6. DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA (2001 A 2018.1)**

Nas, quase, duas últimas décadas, meu perfil acadêmico se constituiu e foi constituído pela prática de pesquisa em interface com a área de Educaçãõ no Programa de Pós-Graduaçãõ em Sociologia Política do atual Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC. São cinco teses nas quais a relaçãõ entre Sociologia Política e Educaçãõ ocorre. Nas orientações de Trabalho de Conclusãõ de Curso (TCC) ou Trabalho de Conclusãõ em Licenciatura (TCL) do curso de graduaçãõ em Ciências Sociais esta interface aparece diretamente ou tangencialmente.

Nesse período fiz estágios variados em determinadas universidades. Dois na Europa, quando em Licençã Capacitaçãõ (Universidade do Minho, em Braga/Portugal, e Université Robert Schuman, em Strasbourg). Três na América do Norte: Na Université du Québec à Montréal (UQAM) efetivei um primeiro estágio pós-doutoral com bolsa CAPES; uma Licençã Capacitaçãõ na Université de Montréal (UdeM), e um período (2017.1) do segundo estágio pós-doutoral, no México, na Universidad Autónoma del Estado de Morelos (UAEM). O primeiro período do segundo estágio pós-doutoral concluí na América do Sul, na Universidad Nacional de Colombia, em Medellín (2016.2).

Estreitei laços com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) concretizando projetos de pesquisas com a colega Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro.



No tocante ao ensino, supervisionei monitoria e estágios docência (segundo o Regulamento de Demanda Social – DS, Art. 9º da Portaria nº 76, de 14 de abril de 2010).

As publicações durante esse período ocorreram seja em textos integrais ou resumos em congressos e similares realizados tanto no Brasil quanto em outros países (Costa Rica, Portugal, Espanha, Quebec, México, Turquia, Argentina e Uruguai).

As publicações de livros e capítulos de livro no Brasil foram feitas em consonância direta ou indireta com minha formação acadêmica e alguns artigos cotejaram, também, a curiosidade intelectual conjugada com a “aventura sociológica”.

Quanto aos artigos, a maioria, são resultados de projetos de pesquisa aprovados pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), pela CAPES, pelo CNPq, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) no âmbito do projeto de pesquisa para a Chamada Pública Simplificada IPEA-PNPD nº 90/2010.

Meus “xodós”, entretanto, que “alegram o meu viver”, são quatro prefácios de livros feitos para publicações de orientandas e orientando.

Tive a satisfação de orientar pessoas no doutorado do PPGSP, hoje concursadas nos Sistemas Públicos de Ensino (Universitário Federal, Estadual, Ensino Médio Estadual) no Brasil, e um no ensino universitário da Guiné-Bissau.

Tenho orgulho dos orientandos e orientandas de doutorado que efetivaram estágio sanduíche no exterior, na Universidade de Coimbra com bolsa da CAPES e um na Boston University com bolsa da Comissão Fulbright.

## **7. DOS NÚMEROS: “SEM IRA E SEM PAIXÃO”**

### **7.1 DOCÊNCIA NA GRADUAÇÃO**

Subtraindo um semestre para mestrado, licença de gestação e licença sabática, entre 1980.2 e 2001.1 são computadas o equivalente a 64 turmas (média de duas turmas por semestre), exclusivamente para a Universidade Federal de Santa Catarina, acentuadamente para os cursos de Serviço Social, Psicologia e Ciências Sociais, e principalmente disciplinas obrigatórias, pois, segundo determinação interna do Colegiado do Departamento, primeiramente as disciplinas obrigatórias devem ser escolhidas pelas pessoas docentes.

Entre 2001.1 e 2018.1, desta vez retirando os semestres de afastamento para realização de doutorado e estágios pós-doutorais, foram 28 turmas na graduação, uma turma por semestre, eu iniciei minha docência na pós-graduação em 2001.1, totalizando 92 turmas, somente, na graduação.

Após o doutoramento a oferta de disciplinas optativas foi possível pelas novas contratações de docentes ocorridas no período.

Ressalto que apenas uma orientanda de graduação fez referência a uma disciplina optativa oferecida por mim, no curso de graduação de Ciências Sociais, para sua escolha de orientações. Uma disciplina de Tópicos Especiais em Sociologia cujo programa continha referenciais sobre a problemática denominada “Eurocentrismo” nas Ciências Sociais.

## 7.2 DOCÊNCIA NA PÓS-GRADUAÇÃO

Iniciei minha docência no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da UFSC em 2001.1 com um Seminário Eventual abordando uma possível perspectiva crítica sobre a modernidade. No período compreendido entre 2002.1 e 2018.1 estive ausente da sala de aula no PPGSP para realização de estudos. Foram dois anos para pós-doutoramento e um ano para licença capacitação.

No total, foram 13 turmas oferecidas no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC. Há um contrabalanço entre ofertas de disciplinas com temáticas/problemáticas específicas e disciplinas obrigatórias do PPGSP e, também, um contrabalanço entre turmas do mestrado e doutorado.

## 7.3 FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS

No tocante a este item destaco minha participação como coordenadora e subcoordenadora do curso de Ciências Sociais. Exerci a função de coordenadora na década de 1990 em três ocasiões (Portaria nº 0754/GR/90; Portaria nº 0665/GR/93; e Portaria nº 1017/GR/97).

Na década de 1980 fui por duas vezes subcoordenadora do Curso de Graduação de Ciências Sociais (Portaria nº 1194/GR/85; e Portaria nº 48/PRE/88).

Representei o Departamento de Ciências Sociais no Colegiado do Curso de Graduação em Ciências Sociais entre 1989 e 1991 (Portaria nº 18/PRE/89); antes, com a

Portaria nº 032/87 do Centro de Ciências Humanas, também fui membro do colegiado do curso vinculado ao Departamento de Ciências Sociais e conjuntamente fui Coordenadora da Área de Ensino de Sociologia do mesmo departamento. Função esta exercida desde 1985.

Em 2003, novamente, fui representante do mesmo curso (Portaria nº 020/CFH/03). Finalmente, entre 2013 e 2015, tive a honra de representar o Departamento de Sociologia e Ciência Política no Colegiado do Curso de Graduação de Ciências Sociais.

Minha atuação na área administrativa do curso interferiu na participação com aportes em questões relativas ao aspecto pedagógico do curso de Ciências Sociais. Em 1985 participei da elaboração da Reforma Curricular do Curso de Ciências Sociais e com a Portaria nº 002/CCSO/2003 fui designada para compor a Comissão de Elaboração do Projeto Político Pedagógico do Curso de Ciências Sociais. Além disso, fui uma participante ativa em 2002 da criação da *Mosaico Social*, revista do curso de graduação de Ciências Sociais, inicialmente impressa e atualmente disponível somente em meio digital, na internet.

No primeiro semestre de 1991 fui coordenadora da área de Sociologia e Política. Em 1997, por meio da Portaria nº 1016/GR/97, exerci a subchefia do Departamento de Ciências Sociais, na condição de *pro tempore*.

Entre 2011 e março 2013 fui Coordenadora de Estágio do curso de graduação em Ciências Sociais (Portaria nº 013/CFH/2011).

#### 7.4 FORMAÇÕES *STRICTO SENSU* E ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL.

Como comprovado, minha formação no mestrado e doutorado ocorreu já como professora universitária. Após o doutoramento tive a oportunidade de efetivar dois estágios pós-doutorais. Um na Université du Québec à Montréal (UQAM) com bolsa da CAPES (2004/2005) durante um ano letivo, e outro na Colômbia (2016.2) na Facultad de Ciencias Humanas y Económicas da Universidad Nacional de Colombia – Sede em Medellín, e no México (2017.1) no Instituto de Ciencias de la Educación da Universidad Autónoma del Estado de Morelos (UAEM), com sede em Cuernavaca.

Para obter a bolsa para o estágio pós-doutoral no Quebec submeti à CAPES a proposta de trabalho denominada “Cidadania Contemporânea e multiculturalismo no Canadá francófono: uma perspectiva comparada Brasil-Canadá”.

O estágio pós-doutoral na Colômbia e no México foi justificado com o projeto de pesquisa, aprovado pelo CNPq e pela FAPEMIG, intitulado “Educação e pobreza, política e marginalização: formação de força de trabalho na nova capital de Minas Gerais: 1909-1927”.

Em ambos os estágios os resultados das pesquisas foram apresentados em congressos. Destaco o 73º Congrès de l’Association Francophone pour le Savoir (ACFAS), um grande encontro anual da Ciência no Quebec, bem como a exposição no 29º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

Em Montreal, no Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Brasil, situado na Université du Québec à Montréal (UQAM), tive uma atuação ativa organizando e participando de um colóquio denominado “Focus Brasil – pesquisas brasileiras no Quebec”.

As referidas participações foram todas no decorrer do ano de 2005.

O segundo estágio pós-doutoral, realizado entre 2016.1 a 2017.2, possibilitou a escrita de três artigos elaborados em parceria. Um deles foi apresentado em Sevilha, na Espanha, por um orientando-doutorando (Carlos Eduardo Bao) sob o título “O que você pode ser quando crescer? A educação de jovens e adultos na cumplicidade entre juventude e pobreza no Brasil”, no VI Congresso Institucional de Ciências Humanas; o outro, “Imprensa na historiografia da alfabetização: uma andorinha só não faz verão”, já foi confirmado que sairá em 2018 em livro editado pela Editora da Universidade Federal de Uberlândia (EDUFU).

Em cumprimento à Lei nº 9.527/97, Art. 87 (Licença Capacitação), estagiei em 2001 na Universidade do Minho (Braga/Portugal) no Instituto de Educação e Psicologia, concretizando a pesquisa sobre nacionalismo e educação moral e cívica. Tive o prazer de ministrar uma “conferência-debate” sobre os Parâmetros Curriculares no Brasil.

No período natalino – e em férias – fiz pesquisa, em Strasbourg/França, na biblioteca (arquitetura com estética belíssima) da Université Robert Schuman, com bom aproveitamento para futuras orientações e projetos de pesquisa.

No ano de 2013, em nova Licença Capacitação, retornei a Montreal como pesquisadora visitante na Université de Montréal (UdeM) com o projeto “Pobreza do sul ao norte: a transferência de renda no Brasil e no Quebec”, relacionando pobreza e gênero. Tive dificuldades na realização das entrevistas com mulheres de origem mexicana, com residência permanente; no entanto, fui feliz nas entrevistas com profissionais. Boa aprendizagem para orientações!

## 7.5 AÇÕES DE EXTENSÃO

Tenho registro no sistema da UFSC (obrigatório para reconhecimento) do Colóquio Internacional “Programas de Transferência Condicionada de Renda no Contexto Internacional”, realizado no ano de 2011.

Em 2012, como extensão, foi apresentado o resultado de pesquisa com o título “Mulheres e Pobreza: o Programa Bolsa Família no Brasil e em Florianópolis”. Além disso, apresentei uma conferência sobre Manoel Bonfim, também com registro em 2012.

Em 2013 iniciei, juntamente com colegas do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, um projeto de extensão com duração de dois anos, em decorrência de convênio entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG) – Montes Claros e o PPGSP/UFSC. O oferecimento do mestrado para o IFNMG me possibilitou participar de todo o processo e dinâmica de um mestrado fora (em parte) da sede da UFSC. Participei desde a banca de seleção até a orientação, além de ter participado de bancas de qualificação e de defesa, como convidada. Foi um acontecimento lindo em minha vida de professora-pesquisadora. Tive contato com pessoas, cujos pais eram analfabetos, e que conseguiram chegar até o mestrado!

A UFSC considera, hoje, como atividade de extensão a participação em bancas fora da sede da universidade. Dada a minha interface com a Educação, participei e participo de bancas (de mestrado e doutorado) na Universidade Federal de Uberlândia.

Participei de banca de exame de qualificação de doutorado na Universidad Autónoma del Estado de Morelos (México), onde o eixo de pesquisa fazia cotejamento com o Brasil (também com interface com a Educação).

Ademais, participei de diversas atividades na UFSC e fora dela, que também seriam consideradas de extensão, como exemplo cito “Encontros de maio”, em 1998, no qual fiz a exposição sobre “Os acontecimentos de 68: sonhos e lutas de uma geração”. Dez anos depois, fui convidada para fazer uma exposição sobre “Os levantes em Florianópolis e na América Latina” no evento que teve como título “1968. Quatro décadas de debate”.

Em 2003 ofereci uma oficina (como convidada) na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no Centro de Ciências da Educação sobre “O pensamento complexo de Edgar Morin”.



Em 2008, como professora convidada, participei e ministrei conferência no I Simpósio Internacional: Política, Gestão e Educação, na Universidade Federal de Uberlândia.

Na Universidade de Cabo Verde, em 2010, compus um painel versando sobre Gênero e Desenvolvimento discorrendo sobre a experiência do Brasil.

## **8. DAS BANCAS**

A participação em bancas examinadoras faz parte da minha trajetória profissional desde a década de 1990, no curso de Ciências Sociais da UFSC, seja como presidente, seja como convidada.

Saliento que os mesmos documentos de participação em bancas de graduação, mestrado e doutorado vinculadas ao Departamento de Sociologia e Ciência Política também comprovam minhas orientações nos três níveis de formação universitária.

### **8.1 GRADUAÇÃO**

No total (comprovadamente) participei de 69 bancas de trabalhos de conclusão de curso (TCC/TCL) de graduação em Ciências Sociais da UFSC.

### **8.2 MESTRADO**

Como presidente de banca, participei de 17 defesas de mestrado.

No currículo Lattes constam 36 bancas, entre as quais estão as bancas que participei como convidada titular na Universidade Federal de Uberlândia e no Centro de Educação da UFSC.

Além disso, no currículo Lattes constam outras 12 participações em bancas de exame de qualificação de mestrado.

### **8.3 DOUTORADO**

Participei de 12 bancas de defesa de tese e 11 bancas de exame de qualificação de doutorado.

#### 8.4 OUTRAS BANCAS

Participei de bancas de seleção simplificada para professores e professoras no, atualmente, denominado Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC, bem como no Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – Portarias nº 42/2000 e nº 025/2001.

Na Universidade Regional de Blumenau, conforme a Portaria nº 405/99, fui membro da banca de Concurso Público para “Professor do Quadro”.

A composição em bancas de avaliação para progressão funcional e de estágio probatório foi recorrente no Departamento de Sociologia e Ciência Política; e em diversas ocasiões fui membro de banca de seleção de candidatos e candidatas para mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC.

Destaco ainda minha participação, como já mencionado, na banca de seleção do Mestrado Interinstitucional (Minter) PPGSP/IFNMG – Portaria nº 001/PPGSP/132 de 3 de dezembro de 2012.

### 9. DE EVENTOS E PALESTRAS

No decorrer da carreira de professora e pesquisadora e, também, como socióloga, assisti e participei de conferências, encontros e congressos locais, nacionais e internacionais.

Apresentei trabalhos em reuniões específicas da Área de Sociologia, como a Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS) e a International Sociological Association (ISA), fui membro de uma mesa na Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), e expus trabalho na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

De uma forma mais sistemática, ocorreram participações em encontros com interface na Área de Educação, tais como: Congresso Luso-Brasileiro, organizado de maneira alternada no Brasil e em Portugal; Congresso Brasileiro de História da Educação; e International Standing Conference for the History of Education (ISCHE).

Observo, ainda, uma intervenção em congresso promovido pela Association Française de Sociologie (AFS) na Université de Lausanne, em 2012, quando representei uma das minhas equipes de pesquisa.

Faço constatar minha presença e apresentações em encontros marcantes nas áreas de interface de meu trabalho, isto é, Sociologia e Educação.

Destaco apenas determinados eventos nos anexos deste memorial uma vez que as comprovações das participações sempre foram demandadas pela normatividade da UFSC para fins de ascensões funcionais anteriores.

Ressalto que o conteúdo dos trabalhos escritos no decorrer de minha trajetória como profissional do Departamento de Sociologia e Ciência Política estavam em consonância com objetivos de projetos de pesquisas aprovados e ou em cotejamento com projetos de pesquisas concluídos anteriormente.

## **10. PRESTAÇÃO DE SERVIÇO**

Para além de pareceres para periódicos, relevo aqui minha contribuição contumaz para a revista *Política & Sociedade* do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, seja no conselho editorial, seja como parecerista.

Compareci com intervenção ativa em procedimentos de cunho substantivo e, outras comissões, como exemplos: Comissão para Averiguar Condições do Curso de Ciências da Faculdades do Planalto Catarinense, no município de Lages (SC), em 1996, conforme comprova a Portaria nº 200/96/CEE/SC emitida pelo Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina; Comissão de Seleção e Acompanhamento do Programa do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FUNPESQUISA/2005/2006), Portaria nº 15/CFH/2006, assinada pela diretora em exercício do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da UFSC.

## **11. DAS PUBLICAÇÕES**

Relevarei determinadas publicações por ordem cronológica e quando possível relacionarei com projetos de pesquisa.

Observo que os referenciais foram repassados do currículo Lattes.

### **11.1 LIVROS**

**SILVA, E. F. da.** *O fracasso da oposição no poder* – Lages (1972-1982). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

- Relacionado com o projeto de pesquisa de mestrado: “O MDB/PMDB em Lages. Análises de um partido de oposição no governo (1972-1982)”. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFSC. Florianópolis, 1985.

RIBEIRO, B. O. L.; SILVA, E. F. da. *Primórdios da Escola Pública Republicana no Triângulo Mineiro*. Ituiutaba/MG: Editora Egil/FAPEMIG, 2003.

- Inauguro com este livro a concretização de minha “afinidade eletiva” com a colega Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro.

VIANNEY, João; TORRES, Patrícia; SILVA, E. F. da. *A Universidade Virtual no Brasil: o ensino superior a distância no país*. Tubarão: Ed. Unisul/IESALC/UNESCO, 2003.

- Derivado da pesquisa de tese de doutorado intitulada: “Ontogenia de uma Universidade: A Universidade Federal de Santa Catarina (1962-1980)”. Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2000.

## 11.2 CAPÍTULOS DE LIVRO

RIBEIRO, B. O. L.; ARAUJO, J. C. S.; SILVA, E. F. Ensino Profissional Feminino: pobreza e marginalidade na nova capital mineira (1909 a 1927). In: OLIVEIRA, Antonella Carvalho de (Org.). *Campo de saberes da História da Educação no Brasil*. 1. ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2017. p. 67-87.

SILVA, E. F.; RIBEIRO, Betânia L.; VILELA, Cláudia O. Cury. “A Guerra do Fogo”. Uma história contemporânea que conta um conto e esconde um ponto. In: CARVALHO, Carlos Henrique de; RIBEIRO, Betânia de O. Laterza; SOUZA, Sauloéber Tarsio de (Org.). *Cinema e Ensino da História da Educação*. 1. ed. Campinas: Editora Alínea, 2013. p. 149-162.

DIAZ, J. M. H.; SILVA, E. F. Universidade Pública Federal no Brasil: uma construção sem samba e sem carnaval. In: DÍAZ, José María Hernández (Org.). *Formación de élites y educación superior en Iberoamérica (ss. XVI-XXI) Volumen II*. 1. ed. Salamanca: Hergar Ediciones Antema, 2012. v. II, p. 85-92.

FREITAS, Rosana de C. Martinelli; LAGO, Mara C. S.; SILVA, E. F. Programa Bolsa Família em Florianópolis: velhas questões, outros olhares. In: SARMENTO, Hélder Boska de Moraes (Org.). *Serviço Social: questões contemporâneas*. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. p. 75-104.

SILVA, E. F.; LAGO, Mara C. de S.; FREITAS, R. C. M. Programa Bolsa Família em Florianópolis (Brasil): relatos a partir de um estudo qualitativo. *Revista Intervenção Social*, v. 42/45, p. 97-113, 2015.

**SILVA, E. F.**; NOPES, A; BAO, C. E. A Engenheira, Ainda Uma “Variável Incógnita”, Apesar de Tudo! *Revista Ártemis*, v. XX, p. 92-101, 2015. (Online)

LAGO, Mara C. S.; FREITAS, R. C.M.; **SILVA, E. F.**; WOHNLICH, D. L. La Bolsa Família sur le terrain: réflexions sur deux déclinaisons locales du programme et sur leurs conséquences pour les femmes. *Revue Française d’Action Sociale*, v. 3, p. 31-47, 2014.

RIBEIRO, B. O. L.; **SILVA, E. F.**; SILVA, M. A. A. Jornal como fonte: uma das pontas do iceberg nas narrativas em História da Educação. *Cadernos de História da Educação*, v. 13, p. 219-231, 2014. (Online)

**SILVA, E. F.**; LAGO, Mara C. S.; FREITAS, R. C. M. Narrativas sobre o Programa Bolsa Família em Florianópolis. *Estudos de Sociologia*, v. 19, p. 471-490, 2014.

SILVA, E. L.; RIBEIRO, B.O.L.; **SILVA, E. F.** Percursos de envelhecimento: o contexto de um Núcleo de Estudos da Terceira Idade no Sul do Brasil. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, v. 5, p. 85-94, 2013.

**SILVA, E. F.**; RIBEIRO, Betânia L. Sala de aula à sombra da magnólia: precariedade da escolarização pública em Ituiutaba, Minas Gerais (1940-1960). *Cadernos de História da Educação*, v. 11, p. 31-50, 2012.

### 11.3 TEXTOS INTEGRAIS EM ANAIS DE CONGRESSO

**SILVA, E.F.**; RIBEIRO, Betânia L. A opção pela ‘pobreza’ do Estado Brasileiro enquanto política de governo sob o Partido dos Trabalhadores. In: XXX CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA, 2015, San José. *Anais...* San José: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2015. p. 1-11.

**SILVA, E. F.**; RIBEIRO, Betânia L. Escola Noturna 13 de Maio no interior do Brasil: processo educativo para pobres e ‘negros’ nos anos 30 do século XX. In: XI CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN LATINOAMERICANA – Sujetos, poder y disputas, 2014, Toluca. *Anais....* Zinacantepec, Estado do México: El Colegio Mexiquense/Universidad Pedagógica Nacional Cinvestad, 2014. p. 1865-1878.

**SILVA, E. F.** Guerra do Fogo: um conto da modernidade ou quem conta um conto, esconde muitos pontos. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil, 2013, Cuiabá. *Anais...* Cuiabá, 2013. p. 01-10.

VILELA, Cláudia O. Cury; RIBEIRO, Betânia L.; **SILVA, E. F.** A primeira escola noturna na esfera urbana da cidade tijuicana. In: VIII CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2010, São Luís. *Anais...* São Luís, 2010. p. 01-29.

VILELA, Cláudia O. Cury; RIBEIRO, Betânia L.; **SILVA, E. F.** Gênese e apogeu de uma instituição escolar no Triângulo Mineiro. In: V CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO



DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS – (Re) Visitando as Minas e Desvelando os Gerais, 2009, Montes Claros. *Anais...* Montes Claros: Editora Unimontes, 2009. p. 01-22.

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, Betânia L. Migração e “francisation” no Québec: a escola e o jovem emigrante mexicano e a possível relação de um devir. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO E CIDADANIA – novas perspectivas da Sociologia da Educação, 2008, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, 2008. p. 01-21.

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, Betânia L. Temas transversais: pluralidade cultural e formação de professoras. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL: O ESTADO E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO TEMPO PRESENTE, 2008, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: Digiteca, 2008. p. 01-14.

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, Betânia L. Ruptura no tipo de dominação tradicional: um curso de Pedagogia no interior de Minas Gerais e relação de gênero. In: IV CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 2007, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora, 2007. p. 01-15.

RIBEIRO, Betânia L.; **SILVA, E. F.** Domínio e tensão: o lado sombrio da relação de gênero em um curso de Pedagogia. In: VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação, 2006, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: Digital CDVD Ltda., 2006. p. 1125-1133.

#### 11.4 RESUMO DE ANAIS DE CONGRESSO

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, Betânia L.; VILELA, C. O. C. Realms of tradition in Brazil: Catholic rituals and routines. In: INTERNATIONAL STANDING CONFERENCE FOR THE HISTORY OF EDUCATION (ISCHE) – Culture and Education, 2015, Istambul. Istambul: Baski & Cilt / Hünkar Organizasyon Ltd. Sti, 2015, p. 395-396.

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, B.O.L.; CAMARGO, K. G. F.; SILVA, M. A. A. Cesar Bastos Public School: A Temple of rites and routines in the republican Brazil (1947-61). In: INTERNATIONAL STANDING CONFERENCE FOR THE HISTORY OF EDUCATION (ISCHE) – Culture and Education, 2015, Istambul. Istambul: Baski & Cilt / Hünkar Organizasyon Ltd. Sti, 2015. v. 1, p. 452-453.

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, Betânia L. Samba como tática para educação: a ilusão de inclusão social do movimento da Legião Negra, no Brasil da década de 30 do século XX. In: VII CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – Cultura escolar, migrações e cidadania, 2008, Porto. Porto/São Paulo: SPCE/ANPED, 2008. p. 330-330.

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, Betânia L. Ruptura no tradicional: um curso de Pedagogia no interior de Minas Gerais e relações de gênero. In: IV CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 2007, Juiz de Fora. *Caderno de resumos...* Juiz de Fora, 2007. p. 37-37.

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, Betânia L. Domínio e tensão: o lado sombrio da relação de gênero em um curso de Pedagogia. In: VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação, 2006, Uberlândia. Uberlândia, 2006. p. 134-135.

**SILVA, E. F.** L’emergence du multiculturalisme au Brésil (Macunaíma en révisión?). In: 73º CONGRESSO DA ACFAS, 2005, Chicoutimi. Chicoutimi, 2005. p. 535-535.

**SILVA, E. F.** La socialisation des immigrants et francisation. In: 73º CONGRESSO DA ACFAS, 2005, Chicoutimi. Chicoutimi, 2005. p. 3333-3333.

RIBEIRO, B. O. L.; **SILVA, E. F.** Brasil, 1891-1909: the professional education in the state of Minas Gerais under a secular political regime. In: 39º INTERNATIONAL STANDING CONFERENCE FOR THE HISTORY OF EDUCATION (ISCHE), 2017, Buenos Aires. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras (Filo)/UBA, 2017. v. 01. p. 00-00.

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, Betânia L. Escola Noturna 13 de Maio no interior do Brasil: processo educativo para pobres e ‘negros’ nos anos 30 do século XX. In: XI CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN LATINOAMERICANA – Sujetos, poder y disputas. Toluca, 2014.

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, Betânia L. Epistemologia e androcentrismo: fenômeno de exclusão e suas formas de manifestação na pesquisa científica. In: III SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2006, Ituiutaba. *Cadernos de resumos...* Ituiutaba: Editora Gráfica Ituiutaba Ltda. (EGIL), 2006. p. 67-68.

**SILVA, E. F.** Welcome to Canada. Bienvenue au Québec. Viva México! In: 29º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2005, Caxambu. *29º Encontro Anual da ANPOCS 2005.* São Paulo: Lis Gráfica Editora Ltda, 2005. p. 80-80.

**SILVA, E. F.;** RIBEIRO, Betânia L. A professora tecendo a “res” pública nas entranhas das Minas “Geraes”. In: V CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2004, Évora. Évora, 2004.

**SILVA, E. F.** Um Morto a procura de um rosto: ontogenia de uma Universidade. In: III CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – Escolas, Culturas e Identidades, 2000, Coimbra. *Anais...* 2000.

## 11.5 ARTIGO EM PERIÓDICO INDEXADO

**SILVA, E. F.;** LAGO, Mara C. de S. ; FREITAS, R. C. M. . Programa Bolsa Família em Florianópolis (Brasil) Relatos a partir de um estudo qualitativo. *Revista Intervenção Social*, v. 42/45, p. 97-113, 2015.

**SILVA, E. F.;** NOPES, A; BAO, C. E. A Engenheira, Ainda Uma “Variável Incógnita”, Apesar de Tudo! *Revista Ártemis*, v. XX, p. 92-101, 2015. (Online)

LAGO, Mara C. S.; FREITAS, R. C. M.; **SILVA, E. F.**; WOHNLICH, D. L. La Bolsa Família sur le terrain: réflexions sur deux déclinaisons locales du programme et sur leurs conséquences pour les femmes. *Revue Française d'Action Sociale*, v. 3, p. 31-47, 2014.

RIBEIRO, B. O. L.; **SILVA, E. F.**; SILVA, M. A. A. Jornal como fonte: uma das pontas do iceberg nas narrativas em História da Educação. *Cadernos de História da Educação*, v. 13, p. 219-231, 2014. (Online)

**SILVA, E. F.**; LAGO, Mara C. S.; FREITAS, R. C. M. Narrativas sobre o Programa Bolsa Família em Florianópolis. *Estudos de Sociologia*, v. 19, p. 471-490, 2014.

SILVA, E. L.; RIBEIRO, B.O.L.; **SILVA, E. F.** Percursos de envelhecimento: o contexto de um Núcleo de Estudos da Terceira Idade no Sul do Brasil. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, v. 5, p. 85-94, 2013.

**SILVA, E. F.**; RIBEIRO, Betânia L. Sala de aula à sombra da magnólia: precariedade da escolarização pública em Ituiutaba, Minas Gerais (1940-1960). *Cadernos de História da Educação*, v. 11, p. 31-50, 2012.

ARAUJO, J. C. S.; RIBEIRO, Betânia L; **SILVA, E. F.**; SOUZA, S. T. O Grupo Escolar de Vila Platina e a Educação: variações intrínsecas sobre um prédio determinado. In: RIBEIRO, Betânia de O. Laterza; SOUZA, Sauloéber Tarsio de (Org.). *Do público ao privado, do confessional ao laico – a história das instituições escolares na Ituiutaba do século XX*. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 47-71.

**SILVA, E. F.**; JOAO, V.; PATRICIA, T. La educación superior a distancia en Brasil. In: UNESCO; IESALC; ANUIES (Org.). *La educación superior virtual en América Latina y el Caribe*. 1. ed. México: ANUIES, 2004. p. 119-153.

**SILVA, E. F.** Universidade Virtual: um novo conceito na EAD. In: MAIA, Carmem (Org.). *ead.br – Experiências inovadoras em educação a distância no Brasil: reflexões atuais, em tempo real*. 1. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2003. p. 47-62.

## 11.6 NOTA BREVE EM PERIÓDICO NÃO INDEXADO

Apresento quatro prefácios em ordem cronológica.

SILVA, E. F. da. Prefácio. In: RANGEL, Elyane. *Cooperativa de Trabalho Médico: emergência e bifurcações*. Santa Maria: Palotti Gráfica e Editora, 2006. p. 5-7.

SILVA, E. F. da. Prefácio. In: NOPES, Adriane. *Memórias da tradição: Praia dos Ingleses, Ilha de Santa Catarina*. Jaraguá do Sul: Impressul Indústria Gráfica, 2015. p. 6-8.

SILVA, E. F. da. Prefácio. In: BITENCOURT, Silvana Maria. *Existe o outro lado no rio? Um debate sobre educação, gênero e engenharia*. Curitiba: Appris, 2016. p. 11-12.

SILVA, E. F. da. Prefácio. In: BAO, Carlos Eduardo. *Fronteiras da italianidade e eurocentrismo: crítica das origens*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017. p. 9-11.

## 11.7 RELATÓRIOS DE PESQUISA CONCLUÍDOS

Os projetos aprovados pelo Ministério da Educação, CAPES, FAPEMIG e IPEA, respectivamente, são apresentados.

O projeto aprovado pelo Ministério da Educação, intitulado “Mapeamento da cultura popular de Santa Catarina”, foi o meu primeiro relatório de pesquisa como profissional da UFSC. Foi manuseado por mim muitas vezes e por orientandos e orientandas.

O relatório de estágio pós-doutoral, referente à pesquisa “Cidadania contemporânea e multiculturalismo no Canadá francófono: perspectivas para um estudo comparado Brasil-Canadá”, foi concluído e entregue à CAPES em setembro de 2005.

O relatório de pesquisa sobre “Modernização e educação pública no interior do Brasil: estudo de caso no Triângulo Mineiro (1930-1950)”, foi aprovado pela FAPEMIG em 2010.

Por fim, foi enviado ao IPEA em 2012 o relatório da pesquisa intitulada “Táticas locais e estratégias internacionais: Programa Bolsa Família e as relações de classe, gênero, raça/etnia em Santa Catarina (o caso de Florianópolis)”.

## 12. ORIENTAÇÕES

No decorrer da carreira, fui orientada por pessoas que deixaram sulcos em minha memória: na graduação, Annamaria Beck e Nereu do Vale Pereira; no mestrado, Ilse Scherer-Warren; e no doutorado, Moacir Gadotti. Esses profissionais deram para minha formação indicações de pesquisa, de relação pedagógica e didatismo. No suporte dado, elaborei meu perfil. Espero ter honrado essas pessoas profissionais.

Até a presente data orientei em todos os graus do ensino universitário e em 2017.2 iniciei a orientação de um estágio pós-doutoral.

No âmbito de estágios profissionais, supervisionei o primeiro em 1987. O denominado estágio docência foi padronizado em abril de 2010 e já em 2011.1 iniciei supervisão nesta modalidade, e até 2018.1 foram sete.

Na graduação do curso de Ciências Sociais, comprovadamente, orientei 26 entre trabalhos de conclusão de curso (TCC) e trabalhos de conclusão de licenciatura (TCL).



Rememoro: TCCs somente foram determinados por reforma curricular a partir do início da década de 1990.

Concluídas no grau de doutorado foram seis teses e no grau de mestrado 17 dissertações. Em andamento, em 2018.1, tenho sob orientação quatro teses, três dissertações e um estágio de pós-doutoramento.

Reitero: minha colaboração do PPGSP do Departamento de Sociologia e Ciência Política teve início somente em 2001.1.

Por último, os encargos de monitoria: iniciei em 1988 e atualmente, 2018.1, supervisiono uma estudante na disciplina Teoria Sociológica II. No total registro oito estudantes especiais. Dois estudantes, constam apenas no currículo Lattes: Anahi Guedes Mello, no ano de 2007, e Douglas Henrique da Silva, no ano de 2006. Das notícias, Anahi hoje é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC. Um dos monitores, Geraldo Milioli, é professor-doutor na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). A monitora Vera Maria D. Guimarães aposentou-se como professora do Colégio de Aplicação da UFSC. A atual monitora, Maiara Corrêa, se prepara para adentrar no mestrado em 2019.1.

### **13. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O MEMORIAL DE TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

A relação pedagógica é uma relação oscilante entre Tanatos e Eros. É uma relação hierárquica, logo, de domínio. Ostensivo ou sutil, lá está. Eros emerge da consciência (com + ciência) de que o conhecimento envelhece (Ah, Weber!). O futuro cabe às novas gerações. Como melhor “preparar” as novas gerações? Como repassar criticamente algo que se constitui em você para deixar outrem se constituir? Tanatos surge por aí, nos entremeios, na frustração, e possivelmente na sensação de impotência.

Reflexões como estas mormente surgem e surgiram em minha prática de professora-pesquisadora.

Como pesquisadora, gradativamente, as certezas das abordagens em campo – sim, fui uma pesquisadora *sur le terrain* como expressam, em francês, os colegas no Quebec –, das primeiras aplicações de questionário, das primeiras entrevistas (escritas, depois gravadas), deslocam-se para incertezas, novas reflexões e mais cautela nas assertivas em textos e



orientações. Burilei-me, também, nas críticas aos pareceres e nas bancas que participei como convidada.

Aprendi ao fazer a relação educação e gênero como a “objetividade” científica elaborada e aprendida na graduação e no mestrado contém um certo saber/sabor da caracterização do desempenho do “homem público” do século XIX. Aprendi com a Nova Física como o “objeto” pode interferir no “sujeito”/sujeitado. Aprendi com Weber – no amadurecimento de minhas leituras e na recorrência do ministrar Teoria Sociológica – que a incerteza faz parte da vida (da História) e que os afetos me compõem e compõem aquele e aquela que entrevisto e entrevistei.

E por que não? O lugar/espço de onde falo tem influência em que enuncio como possível verdade. Os referenciais sobre “eurocentrismo” me favorecem algumas críticas e possíveis emergências distintas ao que eu tinha elaborado em minha formação nos três graus universitários. Estas perspectivas perfazem um constante balançar entre permanência e impermanência, posso escrever/digitar: um respeito maior pelo conhecimento do outro, um apaziguamento pelo meu desconhecimento.

Relembrando – sei sim... a memória recorta dependendo do contexto – destaco: meu pai, Walter Santos Farias, quando adentrei no serviço público federal em 1975, me falou da responsabilidade que seria, creio que segui sua recomendação. A outra, parcialmente desobedei, arrependo-me até hoje: “minha filha, sem filosofia você não vai à parte alguma”. Tangenciei, em certos momentos, apenas. Outro acontecimento desta minha trajetória acadêmica para lembrar e refletir é sobre meu juramento no dia em que me formei no curso de Ciências Sociais. Meu juramento foi:

*Prometo, no exercício de minha profissão, cumprir fielmente os deveres da Honra, da Ciência e do Magistério, e tudo fazer, quanto permitam as minhas forças, pela educação nacional e pela grandeza do Brasil.*

Hoje tenho imenso orgulho de ter feito esse juramento.

Finalmente, contradizendo Machado – o preferido de meu pai – nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, acho que posso fazer constar: tive filho e filhas e transmiti para algumas criaturas o legado de nosso conhecimento/desconhecimento.

**Elizabeth Farias da Silva**

Florianópolis – antes Desterro, na Ilha de Santa Catarina, em 24 de maio de 2018.

## ANEXOS

